

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

LAENE BATISTA ANDREATA

A RELAÇÃO DAS ÁUDIOSSÉRIES COM AS RADIONOVELAS:
estudo de caso do podcast “Paciente 63”

Mariana
2025

LAENE BATISTA ANDREATA

A RELAÇÃO DAS ÁUDIOSSÉRIES COM AS RADIONOVELAS:
estudo de caso do podcast “Paciente 63”

Memorial descritivo de produto comunicacional apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Debora Cristina Lopez

MARIANA
2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A557r Andreatta, Laene Batista.

A relação das áudiosséries com as radionovelas [manuscrito]: estudo de caso do podcast "Paciente 63". / Laene Batista Andreatta. - 2025. 39 f.

Orientadora: Profa. Dra. Debora Cristina Lopez.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Arte seriada. 2. Arte sonora. 3. Rádio. 4. Radionovelas. I. Lopez, Debora Cristina. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 654.19

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - CRB6 1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Laene Batista Andreatta

A relação das audiosséries com as radionovelas: estudo de caso do podcast “Paciente 63

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Aprovada em 11 de abril de 2025

Membros da banca

Dra. - Debora Cristina Lopez - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. - Juliana Cristina Gobbi Betti - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Me. - João Vitor de Almeida Brito Alves - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Debora Cristina Lopez, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 15/05/2025



Documento assinado eletronicamente por **Debora Cristina Lopez, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/08/2026, às 19:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1170799** e o código CRC **EDA92B42**.

Dedico este trabalho à minha mãe, professora educadora, que por acreditar no poder da educação, nunca mediu esforços para que seus filhos tivessem acesso ao estudo de qualidade, mesmo diante dos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha rede de apoio que se fez presente durante toda essa longa jornada do Trabalho de Conclusão de Curso e da vida.

Especialmente a minha mãe e meu irmão, que me reergueram todas às vezes que pensei em desistir ou que já havia desistido. Ao meu pai e minha família, gratidão por todo carinho e preocupação mesmo de longe.

Agradeço aos meus amigos, desde os mais próximos, pelo apoio nos momentos em que precisei, aos de longa data e aqueles que apesar da distância seguem torcendo por mim.

À minha Psicóloga, obrigada por todo suporte profissional para lidar com as questões de saúde mental que me afligem.

Sendo este o símbolo da conclusão da minha graduação, gostaria de agradecer ainda aos colegas com quem pude trocar experiências incríveis e enriquecedoras ao longo do curso.

E claro, um agradecimento especial a minha orientadora, pela paciência e compreensão de sempre. Agradeço por ter me proporcionado o despertar do interesse e fascínio pela paisagem sonora ainda no início da graduação, antes mesmo de exercer o papel de me orientar nesse trabalho.

Por fim, agradeço a Deus e a minha cachorrinha pelo amor incondicional e por serem força e porto seguro quando nada mais fazia sentido.

*When you listen carefully to the soundscape it becomes quite
miraculous.*

R.Murray Schafer

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de analisar a relação das radionovelas, populares no Brasil na década de 1950, e as audiosséries de podcast de caráter narrativo ficcional, amplamente consumidas via plataformas de streaming de áudio na atualidade. Perpassa pelo surgimento das radionovelas e seu contexto no Brasil, assim como traz aspectos das audiosséries e seu processo de plataformização. Apresenta pontos históricos e atuais de cada produto radiofônico em questão, envoltos em conceitos sobre a análise estrutural da narrativa e a paisagem sonora e sua composição. Para tornar o entendimento das temáticas mais palpável, lança-se mão de uma análise descritiva orientada à paisagem sonora da audiossérie ficcional Paciente 63. A trama seriada que pertence ao gênero de ficção científica apresenta a relação de um enigmático paciente que se diz viajante no tempo e a psiquiatra que acompanha seu caso. O eixo central do audiodrama é construído sob o objetivo de salvar o mundo da disseminação da mutação de um vírus letal à humanidade. A observação detalhada se apresenta por meio de um recorte de alguns episódios, acompanhada de uma reflexão em relação à capacidade dos elementos sonoros que compõem a ambientação em contribuir com a compreensão de sensações e sentimentos despertados na experiência do ouvinte.

Palavras-chave: Paisagem sonora, audiosséries, radionovelas, rádio, Paciente 63

ABSTRACT

This work aims to analyze the relationship between radio soap operas, which gained popularity in Brasil during the 1950s, and fictional narrative podcast audio series, widely consumed today through audio streaming platforms. It explores the origins of radio soap operas and their historical context in Brazil, as well as the characteristics of contemporary audio series and their integration into digital platforms. The study outlines both historical and current aspects of these radio-based formats, drawing on concepts related to narrative structural analysis and soundscape composition. To provide a more concrete understanding of these themes, the research includes a descriptive analysis focused on the soundscape of the fictional audio series *Paciente 63*. This science fiction narrative centers on the relationship between a mysterious patient—who claims to be a time traveler—and the psychiatrist overseeing his case. The central plot of the audiodrama revolves around the mission to prevent the spread of a deadly virus mutation threatening humanity. The analysis, based on selected episodes, reflects on how the sound elements that construct the atmosphere enhance the listener's perception of the emotions and sensations conveyed throughout the experience.

Keywords: Soundscape, audio series, radio soap operas, *Paciente 63*, radio

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Capa principal (usada na primeira temporada)	24
--	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Episódios da primeira temporada	22
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. NARRATIVA.....	15
1.1. Estudos de narrativa.....	15
1.2. Narrativa em ficção radiofônica.....	16
1.3. Paisagem sonora	19
2. METODOLOGIA.....	22
2.1. Delimitação de pesquisa	22
2.2. O objeto.....	22
3. LINGUAGEM SONORA NO PACIENTE 63	27
3.1. Episódio 1	27
3.2. Episódio 4	29
3.3. Episódio 9	30
3.4. Episódio 10	32
3.5. A paisagem sonora em Paciente 63	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

É possível perceber que as áudiosséries, produtos sonoros da atualidade que são majoritariamente consumidos por meio das plataformas de streaming, possuem aspectos que se relacionam com as antigas radionovelas, populares nas décadas de 1930 a 1950 e veiculadas via ondas hertzianas. Sob essa perspectiva, esse trabalho foi elaborado, em busca do entendimento acerca de quais são os pontos de congruência e no que se diferem.

De maneira a adentrar na temática da linguagem sonora, essa monografia busca entender o surgimento das radionovelas, seu contexto, tempo e espaço, público-alvo e veiculação. Sob a mesma perspectiva, visa compreender aspectos das áudiosséries, o processo de plataformização no contexto da pódosfera e como segue o consumo do gênero na atualidade.

Tendo exposto os pontos históricos e atuais de cada produto radiofônico, intenciona analisar qual a relação existente entre um produto atual, as áudiosséries, e um gênero radiofônico de origem anterior, as radionovelas.

A fim de tornar a pesquisa mais palpável e próxima de algo conhecido da pessoa que aqui escreve, foi feita a escolha de direcionar um enfoque no estudo de caso da áudiossérie de ficção “Paciente 63”¹, uma criação original de Julio Rojas e versão brasileira pela produtora Ultrassom.

Para aprofundar na produção sonora em questão, objetiva-se a compreensão do produto com base em seu processo criativo e técnico; de roteiro, gravação, edição e divulgação. Por fim, ainda assim, o trabalho acadêmico aqui desenvolvido tem como intenção final investigar quais aspectos da áudiossérie “Paciente 63” estabelecem relação com as radionovelas.

Como anseio de compreensão acerca de um dos recortes da pódosfera na qual estamos inseridos, — as produções sonoras de ficção — emergiu o interesse em pesquisar sobre produtos do áudiodrama contemporâneo, que por meio da plataformização nos streamings sonoros, contribui para o crescimento do consumo de rádio nos últimos anos.

Como tudo que surge sofre influência de algo criado anteriormente, com as áudiosséries não poderia ser diferente. O gênero ficcional de tais produções, por sua vez, remontam aspectos das radionovelas, produções de sucesso na Era do Ouro do Rádio, que tinham a ficção também como uma de suas características bases. Entretanto, os produtos

¹ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4oh9G7rQXhTjI0mrXuuKml>

mais atuais, em sua maioria, carregam uma produção com mais respaldo tecnológico, efeitos sonoros e sonoplastia bem elaborados e talvez um dos aspectos mais importantes, a maneira que estes podcasts são veiculados, via plataformas de streaming de áudio.

Com maior facilidade de acesso a esse tipo de conteúdo, o consumo destes se intensificou e popularizou. Assim sendo, a necessidade de se pesquisar sobre um aspecto ascendente no campo comunicacional se faz pertinente, para a comunidade acadêmica e para os indivíduos localizados para além dela, que bebem desses conteúdos e muitas vezes acabam produzindo podcasts do gênero mesmo não sendo comunicadores em formação.

De modo a trazer contexto e pensando que ambos os produtos radiofônicos aqui retratados, as radionovelas e as audiosséries de podcast, a monografia se inicia com o primeiro capítulo explicando o que é a narrativa, a importância de personagens e como a proximidade com a realidade gera vínculo com aquele que consome a história. No mesmo capítulo discorre-se sobre a presença do tipo de escrita no cenário radiofônico, no que tange produções ficcionais, com ênfase nas radionovelas e posteriormente por meio dos artifícios do podcasting.

As especificidades do podcast de ficção também são trazidas nesse momento, com o intuito de mostrar o que as audiosséries tem em sua particularidade, que apesar de beber da fonte das produções radiofônicas antigas, possuem características marcantes capazes que explicar o sucesso e imersão do ouvinte que as consome nas plataformas de streaming no agora.

Um de nossos objetivos também é trazer foco para o aspecto que aqui mais chama a atenção nas produções, a paisagem sonora. Inicialmente por meio de uma explicação teórica e posteriormente trazendo usos para entender como os sons, em sua totalidade, desde trilhas sonoras, falas dos personagens e até mesmo a sonoplastia influenciam na compreensão de uma narrativa.

De modo a agregar a compreensão das motivações de pesquisa, é interessante mencionar que o interesse pelo conceito de Paisagem Sonora surgiu ao longo da graduação. Especialmente por meio de uma atividade proposta pela Profa Dra Débora Lopez na disciplina de linguagem sonora e aqui orientadora deste trabalho. Através da construção de uma pequena esquete em áudio em que ambientação deveria acionar sensações no ouvinte foi possível perceber a importância de uma paisagem sonora em produtos de áudio, com ênfase nos de ficção. No segundo capítulo, dedicado à metodologia, a delimitação da pesquisa é apontada. Nele temos a informação de que a análise nessa monografia se baseia em uma metodologia exploratória descritiva orientada

pela paisagem sonora, com um estudo de caso da audiossérie “Paciente 63”, com a escolha de um recorte delimitado por quatro episódios da primeira temporada, para que pudessem ser esmiuçados sob esse viés de ambientação sonora. Além disso, aspectos técnicos da produção são trazidos, como nomes dos componentes da equipe, apresentação de tabelas e imagens

Por fim, na sequência, o capítulo de número três carrega a análise dos episódios selecionados em função da quantidade de elementos sonoros que se é possível ouvir em cada um deles, bem como, em razão da capacidade que estes têm em contribuir com a compreensão de sensações e sentimentos. São eles; Episódio 1: “A história com que eu cresci”, Episódio 4: “Efeito Garnier Malet”, Episódio 9: “Entrelaçamento” e o Episódio 10: “Paciente zero”.

1. NARRATIVA

1.1. Estudos de narrativa

Segundo a pesquisa de Ana Maria Balogh, a natureza da narrativa é delineada pela interconexão temporal das ações, o que leva à classificação de um texto como narrativo (Balogh, 2002, p. 54). Esta também descreve a narrativa como uma trama na qual personagens executam ações, e o tempo é estruturado em torno dos momentos precedentes que desencadeiam essas ações, bem como dos eventos subsequentes que são influenciados por elas, mesmo que não siga uma ordem cronológica.

Em consonância com a análise de Barthes (1972), a presença da narrativa está profundamente entrelaçada nas relações humanas, podendo manifestar-se por meio de vários aspectos, como a oralidade, a visualidade e o registro escrito. Barthes destaca que a narrativa é uma característica essencial de qualquer povo ou humanidade e que a estrutura desta é composta por múltiplas camadas hierárquicas.

Entender uma narrativa não se limita apenas a acompanhar o esvaziamento da história; também envolve reconhecer os diferentes “estágios” presentes nela. Ler ou escutar uma narrativa implica não somente a transição entre palavras, mas também entre níveis de significado.

De acordo com Bremond (1972, p. 113-114), o elemento humano desempenha um papel crucial na existência de uma narrativa, o autor destaca que os acontecimentos adquirem a forma de uma história quando estão vinculados à ação ou experiência de seres humanos.

Ademais, nas palavras de Genette (1972, p. 255), a narrativa é definida como a representação de eventos, sejam eles reais ou fictícios, por meio da linguagem, especialmente a linguagem escrita.

Torna-se interessante acrescentar à discussão sobre os estudos acerca das narrativas a ideia de Volli (2007, p. 101). Este afirma que a sequência de eventos de uma narrativa, em cronologia, aparece em narrativas mais simples, enquanto narrativas mais complexas brincam com a temporalidade, criando enredos nos quais a sequência dos fatos não é linear. É o caso da audiossérie “Paciente 63”, em que a viagem no tempo está presente em todo o enredo e se torna determinante para o desenrolar dos fatos, uma vez que a narrativa se baseia justamente nos relatos provenientes de contextos de diferentes tempos e espaços notáveis pelo protagonista, Pedro Roiter.

O autor supracitado também ressalta que o recurso da escrita narrativa emprega técnicas como “expansão e contração da interligação” e “inversão cronológica” para aprimorar a experiência de leitura, proporcionando ao leitor um aproveitamento mais prazeroso da narrativa.

Debora Lopez (2022) por sua vez, destaca que no contexto radiofônico, a prática de contar histórias assume um papel cotidiano e revela a ligação entre o meio e seu público, de modo que as estratégias clássicas de composição narrativa ocupam um espaço central e envolvente, guiando o ouvinte a mergulhar na história que está sendo contada e a reconhecer cenários envolventes. Esse recurso, por sua vez, possui a capacidade de ativar memórias do ouvinte e conectá-lo acusticamente com a estética, imergindo-o em paisagens e cenários de eventos que de repente se tornam próprios.

1.2. Narrativa em ficção radiofônica

Antes de adentrar em um processo de análise das narrativas de ficção radiofônica como a de “Paciente 63”, a compreensão do rádio em sua totalidade deve ser considerada. Sendo assim, a ideia de Luiz Artur Ferraretto (2014) foi escolhida como ponto de partida. O autor, ao transcorrer a respeito da diversidade dos tipos de produções que aparecem no meio, mostra como o rádio estava — e tem permanecido, com nova roupagem — presente no cotidiano das pessoas, “desde à canção, à notícia”.

Está presente lá, onde a notícia acontece, transmitindo-a em tempo real para o ouvinte. Também aparece ali, onde se faz necessária uma canção para espalhar ou enlevar. E chega acolá, naquele cantinho humilde a carecer de uma palavra de apoio, de conforto ou, quem sabe, de indignação. (Ferraretto, 2014, p.13).

Em sua obra “A era do rádio”, a pesquisadora Lia Calabre (2002), traz uma perspectiva de como o rádio se apresentou no Brasil, tanto o objeto, quanto o fazer rádio. Em consonância a Ferraretto (2014) ela evoca a capacidade que o rádio teve de afetar a sociedade em diferentes contextos.

O rádio criou modas, inovou estilos, inventou práticas cotidianas, estimulou novos tipos de sociabilidade. Ícone de modernidade até a década de 1950, ele cumpriu um destacado papel social tanto na vida privada como na vida pública, promovendo um processo de integração que suplantava os limites físicos e os altos índices de analfabetismo do país. (Calabre, 2002, p.7)

Mesmo com novas tecnologias, como, por exemplo, o acesso ao conteúdo via plataformas de streaming de áudio, o rádio segue sendo instrumento de diálogo no dia a dia. As novas abordagens conceituais surgidas e/ou consolidadas na primeira década do século XXI fizeram com que o rádio se modificasse em alguns aspectos, embora suas características básicas tenham sido mantidas (Ferraretto, 2014). Entretanto, mesmo com muitas de suas raízes, as modificações no rádio foram transpostas para o cenário de atuação profissional, uma vez que técnicas e tecnologias empregadas evoluíram.

Sob a ideia de um “novo rádio, velhas narrativas” proposta na obra de Lopez (2022) é válido pensar naquilo que inspirou as atuais audiosséries ficcionais de podcast: as radionovelas. No recorte brasileiro do tema, as radionovelas tiveram suas raízes também inspiradas em outras produções, os famosos romances de folhetim e se tornaram na década de 1950 um dos produtos mais veiculados nas principais rádios do país. As radionovelas tinham como público principal as mulheres e carregavam como principal objetivo trazer a realidade do dia a dia do povo, juntamente ao teor de entretenimento, com o intuito de gerar audiência por meio da proximidade.

Essa foi a abordagem percorrida na dissertação de Glenda Chaves acerca da radionovela no Brasil: “Como é de se imaginar, as radionovelas exerciam grande poder de influência no cotidiano nacional, devido ao seu conteúdo direcionado à vida dos brasileiros, com tramas envolventes e, conseqüentemente, ocupavam os melhores horários de transmissão, assim como boa parte da programação das emissoras.” (Chaves, 2007, p.44)

Segundo Hélio de Seixas Guimarães (2004) sob a interpretação de Chaves

O sucesso dos romances-folhetins possibilitou o crescimento dos jornais e do público, apesar de, como informa, o número de alfabetizados no Brasil não ultrapassar, no século XIX, 30% da população, e não acompanhar o avanço sentido na França, Estados Unidos e Inglaterra. A expansão dos folhetins devia-se à leitura em voz alta, que possibilitava o efetivo acesso às letras de numeroso público ouvinte. Além de poucos alfabetizados, as dificuldades de crescimento do público leitor também se vinculavam ao fato do texto impresso ser, no Brasil, um objeto caro, desde seus primórdios. Mesmo com dificuldades, o público leitor, e mesmo o ouvinte, foi fazendo-se presente, possibilitando a diversidade de folhetins nos periódicos brasileiros. (Chaves, 2007)

O ato de escutar o rádio em casa era muito elitizado, concentrado nas mãos de grupos comerciais, militares e do governo, com enfoque na transmissão de informações confidenciais. A primeira radionovela “Em busca da felicidade” foi transmitida em 1941, no entanto, desde os anos 1930 a Rádio Nacional já emitia o programa “Teatro em Casa”,

com radiofonizações de peças teatrais de maneira narrativa, mas não serializada. “A experiência da ficção radiofônica marca o espaço do rádio expressivo como um lugar para compartilhar a palavra que está entre o que fala e o que ouve e que é uma ponte para imaginação.” (Spritzer, 2007, p. 01)

Da mesma maneira que o romance de folhetim influenciou o surgimento das radionovelas, e estas irrigam o caminho para o surgimento das telenovelas, tal conjunto influencia os produtos radiofônicos narrativos ficcionais do atual contexto, que é o que conhecemos como áudiosséries, apresentadas em formato de podcast nas plataformas de streaming de áudio.

Ao remontar o surgimento do podcasting, no início do século XXI, trazemos à tona o questionamento de que os produtos de áudio, que a partir de então ganhavam notoriedade, veiculados em espaços que fugiam da frequência FM e AM, seriam mesmo produtos radiofônicos em sua essência. Dotados de muita imersividade, assim como seus antecessores, as novas produções se dispõem de consumo on demand isto é, sob demanda dos interesses dos ouvintes que os consomem por meio da plataformização do rádio, de modo a trazer inúmeras alternativas para o novo cenário, que antes era exclusivamente hertziano. Tal linha de raciocínio é apontada como ponto de partida dos estudos da pesquisadora Luana Viana em seu artigo “Das ondas sonoras à web: um panorama conceitual e histórico sobre a expansão radiofônica no Brasil” (2019).

As possibilidades oferecidas pelos meios digitais são, de fato, desafios para um veículo marcado pela linguagem exclusivamente sonora e efêmera. O rádio, hoje, é considerado como uma entidade que existe acima e independentemente de suas materializações. Tudo que refere à sua linguagem, construção, finalidade, seu conteúdo, entre outros, é relevante e compõe a produção de sentido do radiofônico (Viana, 2017, p.15).

Sendo assim, de maneira posterior ao apontamento dos pontos de interseção, bem como os de divergência, surge a manifestação do anseio em relacionar as áudio séries com as radionovelas. Concomitante a tal processo, manifesta-se o reconhecimento de que a temática não é algo novo no campo comunicacional, mas que abre caminhos para a análise por meio de diferentes estudos de caso, a partir da emergência de novos audiodramas como o escolhido para análise, o podcast “Paciente 63”.

A interseção dos produtos atravessados pelo tempo é discutida amplamente na obra “Novo rádio, velhas narrativas. Apropriações estéticas na ficção e no jornalismo sonoros.” (2022) de Debora Cristina Lopez, na qual o recurso de imersão por meio das

falas e sonoplastias de ambas são colocadas em comparativo. “O caráter narrativo-descriptivo das falas, a apresentação contextualizadora, quase como uma retomada dos eventos pregressos da vida do personagem das reportagens no radiojornalismo contemporâneo soa então como a introdução dos capítulos de uma radionovela ou o início de uma peça teatral radiofônica.” (Lopez, 2022, p.18)

Por fim, “Compor um personagem radiofônico é transportar para a voz e para a escuta, o mundo visível do personagem. É ver-se, ouvindo-se” (Rodero, 2010, p. 59). Essa é a razão pela qual o diálogo com o protagonista se torna tão significativo, concedendo-lhe a oportunidade de mergulhar profundamente nos eventos que ocorreram anteriormente, ao narrar e relatar, tanto no âmbito do jornalismo quanto na esfera da criação fictícia. Por meio desse mergulho profundo, ocorre a audição atenta e o despertar de emoções e sensações, que ecoam ao longo do processo de audição, em ambos os produtos do rádio aqui expostos.

1.3. Paisagem sonora

De modo a adentrar nos produtos radiofônicos narrativos de ficção, em busca de entender que elementos sonoros compõem as audiosséries e as radionovelas, a perspectiva acerca do conceito de Paisagem Sonora e sua aplicação é de grande relevância. A importância se endossa uma vez que a análise descritiva da audiossérie Paciente 63, que veremos no capítulo seguinte, se pauta em como esses componentes são imprescindíveis para a construção da narrativa e da imersividade do ouvinte na obra.

Em publicação na Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia, Ghrebh² (edição número 09) a pesquisadora Carmem Lúcia José (2007) traz sua definição sobre o conceito em questão:

A Paisagem Sonora é uma composição sonoplástica para construir um fundo sonoro em que o texto verbal-oral é locado. Ainda: é uma seleção/associação que expande os sons numa linha horizontal em altitude constante ou, através dos ritmos, em diferentes altitudes, construindo um tempo/espaço virtual para um determinado texto verbal. (José, 2007, p.176)

² A revista digital **Ghrebh**- surgiu no inverno de 2002, depois da criação do site do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC) pelo Prof. Dr. Norval Baitello Jr. e seus orientados daquele período, e publicou até 2012, quando encerrou suas atividades com o número 18 – Kamperianas.

Ela foi o resultado dos esforços de pesquisadores em disponibilizar online à comunidade acadêmica um espaço transdisciplinar de discussões, debates e reflexões sobre Comunicação, Cultura e Mídia

Carmem Lúcia José (2007) ainda sugere que a “música, a trilha e os sons das diversas paisagens” são partes dessa composição. Esses “sons”, como trazidos pela autora, se manifestam em Paciente 63 na maioria das vezes para elucidar os diferentes espaços físicos nos quais as cenas se passam. Os ruídos característicos de um aeroporto, por exemplo, as turbinas de um avião em funcionamento, o som do alto-falante da sala de embarque, foram extremamente importantes para que o ouvinte pudesse compreender e mergulhar na trama, assim como o canto dos passarinhos e escoar da água de uma fonte, para indicar que uma das sessões de terapia se passava em um local aberto.

Em outros podcasts de ficção como a produção independente “1986”³ de Guilherme Afonso, recursos semelhantes podem ser observados. Na primeira temporada denominada “Inverno” sons são adotados para representar um cenário de inverno rigoroso em contexto após uma guerra nuclear.

No universo das radionovelas não era diferente, por meio de efeitos sonoros, muitas vezes produzidos por meio da captação de barulhos de objetos e instrumentos musicais, de maneira mais rudimentar que as atuais, que possuem aparato tecnológico que facilitam o processo, as ambientações eram criadas para indicar uma condição espacial pretendida.

Vale ainda ressaltar a experiência do ouvinte como ponto de atenção, para a produção de paisagens sonoras no âmbito radiofônico como um todo e também para evocar a importância da escolha dos recursos que a compõem. Em sua dissertação, João Alves (2021) elucida os “processos que influenciam o som como experiência” colocando a construção desse design sonoro presente em audiodramas, produtos radiofônicos ficcionais como os citados, como capazes de trazer sensações a quem experiencia, sem que o sentido visual seja imprescindível para a compreensão das produções.

A maestria de se fazer arte no meio sonoro consiste justamente na habilidade de produzir efeito (sensação) apenas por meio do material acústico, e este é o principal desafio para quem constrói narrativas sonoras. O radiodrama, por exemplo, consegue sugerir sensações mais próximas do real proposto, mesmo quando se trata de um mundo irreal ou abstrato, apenas com materiais sonoros, sem contrabandear para a suplementação visual. O ouvinte percebe os espaços acústicos determinados pela descrição precisa; o caminhar dos

³ 1986 é um podcast storytelling de ficção, criado por Guilherme Afonso e produzido pela Guilherme Afonso Podcasts. Cada temporada conta uma história diferente. A temporada citada, primeira da série, traz a jornada em primeira pessoa de um brasileiro tentando sobreviver ao inverno nuclear no final do século passado – também conhecido como anos 80 e 90. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0OadfRx9x5D7zdXcGrLYhl?si=447136c064f14a8d>.

personagens; pelo bater de uma porta; a intenção acústica e orquestrada da dúvida ou da construção até o clímax. (Alves, 2021, p.17)

Em suma, a Paisagem Sonora é uma “composição sonoplástica” segundo José (2007), em que diferentes elementos são sobrepostos e associam entre si sonoramente a título de compor o plano de fundo para o que será falado, interpretado oralmente por atores em uma narrativa radiofônica. Assim como no caso de textos escritos a descrição cumpre o objetivo de trazer essa ambientação, a paisagem sonora tem o mesmo papel em produtos de áudio.

2. METODOLOGIA

2.1. Delimitação de pesquisa

A construção da pesquisa de maneira geral lançará mão de uma metodologia exploratória descritiva orientada pela paisagem sonora, uma vez que possui recorte em um estudo de caso, o podcast “Paciente 63”, o que torna o estudo específico, mesmo que sobre um espectro comunicacional amplamente conhecido. Dotado de suas particularidades, estabelecerá a relação entre a autora e os estudos bibliográficos sinalizados e o objeto de estudo por meio de pesquisas e compreensões bibliográficas associadas às já adquiridas.

O caráter descritivo também se apresenta ao passo que um processo de descrição do podcast, suas temporadas, processos criativos e de produção, em questão será adotado, de modo a caracterizá-lo como um produto do gênero narrativo ficcional que apresenta pontos de interseção com as radionovelas, assim como seus semelhantes divulgados via plataformas de streaming de áudio.

A motivação para a pesquisa no âmbito radiofônico voltado para o ficcional surge a partir de um interesse pessoal próprio, bem como a escolha do objeto de estudo, o podcast “Paciente 63”. Experiências imersivas com a produção em questão e outras do mesmo tipo, justificam a escolha em busca de adentrar ainda mais nesse contexto. Entender, apurar e vivenciar trocas com aqueles que estão inseridos no meio e a margem dele, traz muitos anseios positivos.

Dessa maneira, o trabalho busca entender que aspectos das audiosséries; produtos sonoros da atualidade, majoritariamente consumidas por meio das plataformas de streaming; se relacionam com as antigas radionovelas; populares nas décadas de 1930 a 1950 e veiculadas via ondas de rádio convencional (AM e FM).

2.2. O objeto

A audiossérie Paciente 63 é uma adaptação de sua versão original, de origem chilena, denominada Caso 63. Ambas são produções originais da plataforma de streaming Spotify e têm como protagonista um paciente psiquiátrico um tanto quanto enigmático. No Brasil, o ator e cantor Seu Jorge, foi quem deu a vida e a voz a Pedro Roiter, o homem em situação de suposto adoecimento psíquico que é acompanhado pela médica Elisa Amaral, interpretada por Mel Lisboa na versão brasileira.

63 é o número de uma sequência de fichas clínicas de pacientes atribuído ao paciente Pedro, que em 2022, ano em que se passam os primeiros episódios da primeira temporada da série, está — de acordo com seu registro médico — com seus 39 anos. O personagem, que afirma ser um viajante no tempo e vir do ano de 2062, tem como objetivo principal impedir que uma mulher pegue um certo avião, pois só assim a humanidade poderia se salvar da nova mutação do vírus “Pégaso” que surgiu em 2023.

Elisa grava as sessões diárias com Roiter e durante elas ele tenta convencê-la de sua missão, porque está ali e qual seria o papel dela na tentativa de evitar a disseminação daquilo que, no futuro que ele já havia vivido, fez a sociedade “virar pó”. A psiquiatra, assim como o ouvinte, alterna suas opiniões entre a realidade e o delírio acerca dos fatos apresentados pelo paciente então diagnosticado com “psicose paranóide”.

A primeira temporada do podcast organiza-se da seguinte forma:

Quadro 01: Episódios da primeira temporada

Temporada	Episódio	Nome do episódio	Duração	Data	Descrição do episódio no Spotify
1	1	A história com que eu cresci	14 min 13 s	07/2021	“Primeira sessão. A doutora Elisa Amaral inicia a terapia com um paciente enigmático, um suposto viajante no tempo. Em poucos minutos, ela vai perceber que seu maior desafio não será exatamente convencê-lo de que ele não vem do futuro.”
	2	De Lorean	15 min 57 s	07/2021	“Segunda sessão. Ao mesmo tempo que descreve o método para viajar no tempo, o Paciente 63 aprofunda o objetivo da sua missão: salvar o mundo. Mas, salvá-lo do que? Ou de quem?”
	3	Pégaso	14 min 2 s	07/2021	“Terceira sessão. Um vírus letal, uma paciente zero, e uma sombria descrição de um futuro que deve ser evitado, custe o que custar.”

Temporada	Episódio	Nome do episódio	Duração	Data	Descrição do episódio no Spotify
	4	Efeito Garnier Malet	12 min 24 s	07/2021	“Quarta sessão. Dra. Elisa descobre que é parte essencial do plano para salvar o mundo, segundo os argumentos do Paciente 63. Mas, como confiar num futuro no qual você não acredita?”
	5	Sopa de letrinhas	11 min 9 s	07/2021	“Quinta sessão. A realidade começa a se diluir no delírio do Paciente 63. As certezas científicas não parecem ser suficientes para a dra. Elisa. Ela começa a duvidar. Ou a acreditar.”
	6	Prova de história	13 min 25 s	07/2021	“Sexta sessão. A prova do polígrafo. Uma verdade líquida. Por que o impossível é impossível? Entre duas opções, às vezes há uma terceira possibilidade.”
	7	Jemmy Button	12 min 10 s	07/2021	“Sétima sessão. Dra. Elisa resolve abandonar o caso...o caso do Paciente 63. É uma questão profissional: a linha que separa o real do irreal praticamente desapareceu.”
	8	Gaspar Marín	10 min 36 s	07/2021	“Oitava sessão. Uma reviravolta inesperada. O Paciente 63 é aparentemente um impostor. E, por enquanto, escapou. Elisa desaba. Às vezes a ficção tenta superar a realidade.”
	9	Entrelaçamento	15 min 6 s	07/2021	“Sessão Extraordinária. Linhas de tempo que se cruzam. Elisa se rende — talvez por essa razão — diante de um plano que a ciência não pode confirmar. O Paciente 63 reaparece para deixar um último registro.”

Tempora da	Episódio	Nome do episódio	Duração	Data	Descrição do episódio no Spotify
	10	Paciente Zero	19 min 40 s	07/2021	“Sessão final. Num aeroporto, o encontro de todas as possibilidades e de todos os universos possíveis. Elisa já não é mais quem costumava ser; ela resolveu acreditar. Mas que acontece quando o futuro não é exatamente o que está por vir?”

Ficha técnica

A áudiossérie "Paciente 63" é uma produção da Ultrassom, com produção executiva de Flávia Feffer. A trama conta com um elenco de grandes nomes, encabeçado por Seu Jorge e Mel Lisboa, que dão vida aos personagens principais. As vozes adicionais, que dão vida aos demais personagens são de Veridiana Toledo, Heitor Goldflus, Nelson Baskerville, Marcelo Galdino, Clara Carvalho, Rafael Maia e Lavinia Lorenzon.

A equipe de produção se destaca pela expertise de Gustavo Kurlat, responsável pela tradução, adaptação dos roteiros e direção de voz. A parte técnica fica a cargo de Francisco Tapia, Alejandro Parada e Alex Vilches, que cuidam da edição, mixagem e desenho de som, enquanto a música original é composta por Mowat.

A identidade visual, que contribui para a atmosfera da série, é assinada por Hueso.



Figura 01: capa principal (usada na primeira temporada)

Por fim, a produção executiva fica sob responsabilidade de Flávia Feffer e Ruben Feffer.

Em busca de uma análise mais detalhada dos elementos que compõem a paisagem sonora na primeira temporada de *Paciente 63* foram selecionados quatro episódios dos dez que compõem a temporada. Os capítulos escolhidos se destacam — na percepção de quem analisa — em função da quantidade de elementos que se consegue ouvir neles e pela capacidade que estes têm em contribuir com a compreensão de sensações e sentimentos, são eles; Episódio 1: “A história com que eu cresci”, Episódio 4: “Efeito Garnier Malet”, Episódio 9: “Entrelaçamento” e o Episódio 10: “Paciente zero”.

3. LINGUAGEM SONORA NO PACIENTE 63

3.1. Episódio 1

A escolha do primeiro episódio para dar início à sequência de análises descritivas dos capítulos mencionados, além de se justificar pela riqueza de elementos que compõem sua paisagem sonora, apoia-se também no fato de que é por meio deste que o ouvinte é apresentado à narrativa de Paciente 63. É ali que o receptor experiencia as primeiras sensações provocadas pelo conjunto de recursos sonoros utilizados, estes saltam aos ouvidos e abrem os caminhos para a imersão, logicamente associados às falas das personagens, uma vez que ambos isolados não produzem o efeito de sentido esperado.

Alguns desses elementos irão se repetir ao decorrer dos episódios para indicar permanência em um mesmo espaço físico, como, por exemplo, o fato de que muitas das sessões conduzidas por Elisa acontecem na mesma sala, no mesmo hospital em São Paulo.

Então, para começar; seguido da vinheta de abertura, da apresentação do nome do podcast e do título do episódio; o primeiro ruído que se escuta são passos de sapatos de salto tocando o chão. São da psiquiatra Elisa Amaral que está a caminho da sala do hospital no qual ocorrem as sessões com o Paciente 63, Pedro Roiter.

Durante a caminhada por aquele lugar, como recurso de ambientação, vozes ao longe podem ser percebidas com um som ecoado, o que traz indícios ao ouvinte de que a cena acontece em um local fechado, porém amplo. Ao longe, o som de um monitor cardíaco, reforça o cenário de um hospital.

Elisa tinha o hábito de gravar as conversas em terapia com seus pacientes para registro. A fim de dar um contexto do caso que ela acompanharia a partir dali, enquanto caminha, a médica liga seu gravador e o barulho do botão seguido do bipe que sinaliza o funcionamento do aparelho podem ser ouvidos.

Para chegar até o consultório, os sons indicam que Amaral utiliza um elevador, percebe-se que ocorre o acionamento do botão, a abertura e o fechamento da porta e o trânsito entre os andares. Ao abrir e fechar a robusta porta da sala — adjetivo aqui atribuído em razão do barulho significativo provocado pelo ato — percebe-se diminuir os ruídos das conversas, do telefone tocando e das máquinas trabalhando no funcionamento a pleno vapor do hospital, apesar de ainda serem levemente ouvidos.

Enquanto está com Pedro, principalmente nos primeiros encontros, a médica tenta adotar certa formalidade por meio de um roteiro de anamnese caracterizado por perguntas pragmáticas. Aqui é possível ouvir a passagem de páginas de um caderno e o ruído de sua

caneta a escrever no papel — até que ela se perca entre a realidade e o que seria um delírio — e o ato de anotar passe a não ser imprescindível devido à tamanha imersão já como personagem da história de seu paciente.

Além dos efeitos de som e ruídos trazidos até aqui, nota-se que alguns recursos sonoros são incorporados à atuação da dupla protagonista. No primeiro momento os diálogos evoluem pouco, a conversa era feita de perguntas protocolares vindas da médica, corriqueiras durante sua condução de terapias comportamentais para o atendimento de pessoas acometidas por um adoecimento mental. Estas eram seguidas de respostas curtas do paciente em questão, que diante de uma pouca abertura não se esforçava para explicar seu ponto de vista à médica.

No primeiro episódio, após uma dessas sequências de questionamentos, Roiter se revolta com a maneira como a sessão estava sendo conduzida e tenta fugir daquele ambiente. O momento se torna audível porque o paciente aumenta seu tom de voz, assim como reproduz uma frequência respiratória mais acelerada. De maneira sobreposta, notam-se movimentos ríspidos do personagem, ao se escutar o ruído de cadeiras se arrastando e o girar do movimento da maçaneta. A atuação de Mel Lisboa em sinal de resposta se caracteriza por uma voz mais firme e de volume mais alto a fim de impedir que seu paciente saísse dali.

Depois que Pedro se acalma Elisa o oferece um copo d'água, mas ele diz preferir um cigarro. O ruído do abrir e fechar de um zíper, seguido do som da fagulha de um isqueiro, é percebido, indicando que a médica acaba cedendo um cigarro seu para o protagonista.

Ao aproximar do desfecho do capítulo, o sonar do efeito que se parece com uma flauta — apesar de ser cantado pelo compositor da trilha sonora —, mencionado anteriormente como elemento para indicar as transições, aparece também para indicar um momento de suspense e assim acontece em outros episódios com o mesmo intuito. O som perdura enquanto o paciente 63 traz o relato de que a psiquiatra ficou conhecida por ter sido a responsável pela união de seus pais.

O gancho, elemento que se encarrega de criar no ouvinte o ímpeto em seguir acompanhando a audiossérie se faz quando Pedro se refere à médica pelo vocativo Beatriz, que apesar de ser seu segundo nome, ela havia se apresentado a ele somente como Elisa Amaral. A situação que acaba lhe causando surpresa e medo é transmitida a quem ouve por meio do seu ato de respirar profundo ao refutá-lo com veemência no tom de voz, na suspeita de que Roiter estaria investigando sua vida.

3.2. Episódio 4

Intitulado “Efeito Garnier Malet” o quarto episódio desperta interesse para ser alvo de análise uma vez que incita a capacidade que diferentes elementos de som têm em contribuir para a construção de um ambiente sonoro que se difere do local onde se passa a maioria das cenas da temporada, a sala de hospital onde aconteciam as sessões de terapia do paciente 63.

A pedido de Pedro, a quarta sessão não acontece no mesmo cômodo de sempre, apelidado por ele de “caixa de fósforo”, mas sim no “jardim secreto” de Elisa, assim chamado pelo paciente. Tratava-se de uma espécie de parque, mas na opinião da médica, muito grande.

Este, que apesar de estar nas dependências do hospital, era um lugar aberto, ao livre. A percepção desse cenário chega aos ouvidos por meio dos ruídos sonoros de elementos da natureza, como os vários assovios de pássaros, a água escorrendo na fonte, o soar de um vento tímido, mas que juntos indicam a sensação de amplitude espacial.

Em um dado momento, quando Pedro explica como o ato de sonhar com alguém lhe faz se tornar um candidato para viajar no tempo, ele pega um pequeno galho de árvore, pelo que se pode ouvir, em meio a algumas folhas secas. O instrumento é utilizado para fazer um desenho no chão durante a explicação, o que gera o ruído do riscar em uma superfície que, pelo som, aparenta ser de terra.

Além dos recursos sonoros, o ouvinte pode criar em pensamento a imagem do lugar em função das descrições trazidas pela personagem de Mel Lisboa sobre o vitral da capela que ali havia. A médica conta ao seu paciente e aos ouvintes, em tom saudosista, que ao meio-dia em ponto, o sol refletia nas janelas e trazendo tons vermelhos, amarelos, azuis para o local.

Ao longo dos episódios é possível perceber que a relação entre Elisa e Pedro cresce no que se diz respeito à intimidade e confiança adquirida entre os dois. Mesmo que ao decorrer da narrativa ela adote algumas atitudes com o intuito de provar uma possível insanidade de Pedro, como a prova do polígrafo e quando em uma sessão chama um amigo que é físico, é notável que o nível de interação das personagens progride e se estreita à medida que a psiquiatra se envolve com a história contada pelo paciente 63 e estas ações seriam apenas alternativas que encontrara para tentar provar para ela mesma algo que já acreditava.

É possível perceber esse estreitamento no quarto episódio. O paciente já se mostra mais aberto, a mudança na entonação e ritmo da fala transmitem uma maior calma em suas manifestações, a médica por sua vez se envolve com a história e passa a não se condicionar nas perguntas exclusivamente pragmáticas que fazia antes.

A paisagem sonora do capítulo, explicitada até aqui, contribui para essa sensação de leveza e tranquilidade, que se faz presente não só no ambiente, mas também na atuação dos personagens, por meio de tons de voz mais amenos e falas mais pausadas. Esse aspecto se opõe, por exemplo, ao ambiente do episódio anterior, “Pégaso”, em que a paisagem sonora leva o ouvinte para um cenário chuvoso, com sons de trovoadas ouvidas de um ambiente fechado. Transmitindo assim uma sensação de melancolia, sentimento de tristeza, condizente aos relatos trazidos por Pedro no momento, em como ocorreu a disseminação do vírus que dá nome ao episódio, responsável por matar sua esposa.

A calma, porém, não se mantém ao longo de todo o capítulo quatro. Como é de se esperar, ao chegar ao clímax, seguido do gancho final, um novo mistério que se espera ser desvendado apenas no próximo episódio, uma sensação de medo e dúvida se instaura. O suspense se dá quando Pedro diz a Elisa que ela teria que injetar a força, o seu plasma, do paciente 63, em Maria Cristina Borges. Aqui é possível escutar o estalar de dedos da médica para acionar os “guarda-costas” assim chamados pelo paciente. Os passos dos funcionários do hospital responsáveis por levá-lo dali são ouvidos, acompanhados de sons de correntes e chaves também, instrumentos estes utilizados para a contenção do paciente no intuito de levar Pedro para uma cela onde a dose de terapia eletroconvulsiva seria aumentada.

3.3. Episódio 9

No penúltimo episódio da temporada, Elisa volta ao seu jardim secreto. Os sons provenientes da natureza, responsáveis por trazer sensação de paz e tranquilidade no capítulo 4, são os sentimentos que a médica busca ao visitar o lugar pela última vez, ao se demitir do hospital em que trabalhou por doze anos, após ter se convencido que Pedro Roiter era na verdade Gaspar Marim, e que todo o caso do paciente 63 era um experimento de um fórum de ficção científica.

Ainda assim, estando completamente envolvida com a história, a psiquiatra recebe uma ligação de seu suposto ex-paciente convocando-a para uma última conversa para que pudesse entender a verdade. Sendo assim ela vai ao encontro de Pedro.

Aos ouvidos, o lugar onde esta conversa acontece parece ser um restaurante. Um dos recursos sonoros que trazem tal suposição espacial para a cena é o tilintar de talheres ao longe, assim como o ruído destes tocando em pratos. Além disso, pode-se ouvir um burburinho de pessoas conversando e cadeiras se movendo.

A conversa, que não dura muito, finaliza quando Pedro entrega a Elisa um gravador com informações reveladoras, é possível escutar que ela coloca o objeto em uma bolsa, em razão do som do abrir e fechar de um zíper. Antes de se levantar para ir embora dali percebe-se que a médica desliga seu gravador que sempre a acompanhava e agora registrava a “sessão extraordinária”.

Depois do efeito de transição, dessa vez mais demorado, para indicar a mudança espacial, a protagonista se encontra em outro ambiente. Em um local que poderia ser um cômodo de sua casa, o ruído de uma rolha sendo retirada de uma garrafa de vidro e de um líquido sendo escoado em um copo, indicam que ela se serve de uma bebida. Poderia ser água, mas o contexto de tensão, pedia algo mais forte, como um vinho ou um whisky. Não é possível saber o que Elisa de fato bebeu para lhe acalmar naquele momento. A sobreposição sonora de um suspiro a transmitir sensação de medo e exaustão levam o ouvinte a criar cenários onde o suspense rege o momento, principalmente a partir daqui.

Na sequência, após acender um cigarro, a psiquiatra lê algumas “instruções” deixadas por Roiter. Em terceira pessoa, abrindo um papel dobrado, ela diz que ali estavam os nomes e telefones dos pais de Pedro para que pudesse contatá-los e assim fazer com que eles pudessem se conhecer. Logo depois ela dá play na gravação que recebera, apesar de notar-se que se trata da voz de seu paciente, é possível perceber a diferença acústica do ambiente de onde vinha o som, traço típico de uma voz gravada.

O paciente 63 revela que na outra linha do tempo de sua vida, a qual deixara e não poderia mais voltar, Elisa era sua esposa. Ela, ao ouvir tal declaração, demonstra por meio de um suspiro, em sinal de desespero, como se quisesse dizer para quem ouve um “eu não acredito”. Quase que como uma reação aos seus sentimentos, o som da fagulha do isqueiro indica que a médica havia acendido outro cigarro e o ruído do fazer entrar nos pulmões a fumaça aspirada, demonstra aqui o ato de tragar. Ainda como artifício para apontar a ansiedade da personagem de Mel Lisboa, os ouvidos de quem acompanha percebem o ato da protagonista de pegar o copo e dar um gole na bebida, provavelmente alcoólica, que ali estava.

Enquanto escuta toda a relação de entrelaçamento entre sua história com a de Pedro, é notável que o sentimento de angústia, interpretado por Mel, cresce em meio a

respirações ofegantes e pelo acender do terceiro cigarro em um espaço tão curto de tempo até que para a gravação que ouvia. O fim do penúltimo capítulo da temporada se dá depois desse momento, com o som progressivo da vinheta de fechamento.

Esse foi um dos episódios selecionados para fazer parte do recorte em análise por sua diversidade de ambientes sonoros. Veremos mais adiante, que no capítulo seguinte, o último da temporada, as cenas também se passam em vários locais, mas no episódio de número nove é a primeira vez quando o dinamismo espacial aparece mais de duas vezes. Tal perspectiva só é percebida em razão dos recursos de áudio adotados, bem como a composição destes, determinados em conjunto por roteiristas, produtores, editores e atores de Paciente 63. O que evidencia mais uma vez a importância do papel de cada um deles.

3.4. Episódio 10

O décimo episódio se inicia da mesma maneira que o anterior termina. Se sobrepondo ao fim da vinheta de encerramento, ouve-se o som da fagulha de fogo a acender mais um cigarro que acompanha Elisa na escuta das gravações que Pedro havia deixado, o que indicia a permanência da tensão, sendo esse o quarto acendido na cena retomada.

O recurso do som de transição mais uma vez é acionado e nesse momento pode indicar tanto uma mudança espacial, uma vez que a ambiência de reverberação do som muda, quanto de tempo, já que a data que Elisa menciona ao iniciar mais uma gravação é do dia 24 de novembro, enquanto a data trazida na gravação anterior é do dia 31 de outubro.

Em frente a um espelho a médica lava o rosto, o ranger da torneira mal lubrificada abrindo e fechando e o escoar da água são os indicativos. Os simbolismos sonoros levam à criação de possíveis cenários pelo receptor, como, por exemplo, que tal atitude se deu no momento em que a psiquiatra estava exausta de toda a situação e usou o artifício na tentativa de sentir um alívio e voltar para si, lavando o rosto e encarando seu reflexo depois de uma noite de sono mal dormida.

Depois de gravar para o registro sua percepção acerca de toda a história do paciente 63, Elisa aponta que, apesar de inconsistências nos relatos com a realidade, dessa vez resolveu acreditar, em tom de voz claro, indicando ao ouvinte, talvez pela primeira vez, sensação de certeza no que dizia. Naquele 24 de novembro de 2022 a médica faria o

primeiro movimento concreto em prol do futuro, que a levaria mais tarde ao aeroporto de São Paulo.

Veremos adiante que no episódio 10 Elisa não faz exatamente o que Pedro havia planejado e lhe dito na gravação que deixou. A intenção de estar ali no aeroporto para que pudesse encontrar Maria Cristina Borges é cumprida, porém, o objetivo de imunizá-la ou impedir que ela embarcasse no voo 6433 acaba não se concretizando.

Após ouvirmos esse último registro acerca do caso, uma outra cena é apresentada. A psiquiatra que havia tomado a decisão de possivelmente viajar para Madrid decide que aproveitaria o ensejo para visitar sua irmã Daniela, que morava justamente na capital espanhola. Elisa grava um áudio à irmã e o som característico de quando se inicia uma gravação de voz no WhatsApp é ouvido. A médica menciona que sequer tinha o contato dela, mas que sua mãe havia passado e sob uma voz cautelosa, em uma fala pausada, transmitindo uma sensação de angústia, diz saber da doença da irmã e que iniciaria um novo tratamento em breve. O tom brando, de reconciliação é o que marca o momento, sem mencionar o que de fato acontecera no passado a psiquiatra diz perdoá-la e queria vê-la.

Mediante a uma sonora de transição é possível ouvir a voz de Elisa novamente, mas dessa vez reverberada de maneira diferente, não como se Mel Lisboa estivesse interpretando a personagem ali naquele momento, mas sim como se tivéssemos dado o play em uma gravação, como aquela mesma ambientação sonora que era possível ouvir quando a médica ouvia as gravações feitas por Pedro. Juntamente a uma fala de Elisa de que não poderia haver uma grande mudança de vida se não a começar pelo cabelo, percebe-se o som do funcionamento de uma máquina de cortar cabelo, o que indica que ela estava raspando sua cabeça.

Ainda nessa conjuntura sonora, a confirmação de que aquela era a voz gravada de Elisa se dá pelo barulho que sinaliza o “play” no início e fim do áudio e em razão da confirmação de uma outra voz que diz que aquele era um dos registros da médica encontrados em seu apartamento. O personagem que traz a sinalização é o escritor Alberto Ramos.

Os recursos de som adotados aqui buscam trazer aos ouvidos o ambiente de uma delegacia bem caótica. Ruídos de telefones tocando, pessoas andando, conversando e o som característico de um rádio de polícia se sobrepõem. Enquanto se grava dando um parecer sobre o desaparecimento de Elisa Amaral Fontes, Ramos acende um cigarro e segue anotando observações em uma folha de papel, os sons resultantes dessas ações

rotineiras nesse contexto espacial cumprem o objetivo de endossar o caos do ambiente em questão.

Alberto informa que o áudio que virá na sequência tinha uma fonte diferente do escutado anteriormente. Este se tratava do arquivo sonoro gravado pela médica em seu celular enquanto esteve no aeroporto, mais precisamente do momento em que Elisa se encontra com Maria Cristina Borges.

De maneira crescente, os sons característicos de um aeroporto passam a serem ouvidos. Múltiplos passos sinalizam pessoas a caminhar, alto-falantes anunciam as informações dos voos aos passageiros na área de embarque, turbinas de aeronaves em funcionamento tomam conta da cena.

A psiquiatra sabia identificar as feições de Maria porque Pedro havia deixado uma foto dela para que assim o fizesse. Puxando assunto, ela pede para se sentar próximo de Borges, que acaba tecendo elogios ao novo visual da médica e diz que seu rosto lhe parecia familiar, mas juntas concluem que não fazia sentido já que uma era psiquiatra e a outra artesã de joias. A interpretação das personagens nesse momento acontece em tom de voz suave a fim de transmitir a naturalidade de uma conversa entre duas pessoas que acabaram de se conhecer.

Entretanto a conversa toma outro rumo no momento em que Elisa, dizendo ser diabética, pede ajuda para Maria para que pudesse se aplicar insulina. As duas se encaminham para o banheiro, onde o som da água escoando pela torneira, do secador de mãos a funcionar e do abrir e fechar de portas se encarregam de criar a ambientação.

O comportamento da artesã permanece o mesmo, afinal ela não sabia que a médica estava prestes a tentar colocar em prática o plano que salvaria o mundo. Entretanto, a psiquiatra apresenta nervosismo e ansiedade, transmitidos na voz trêmula incorporada por Mel Lisboa. Nesse ponto são ouvidos os ruídos do manejo da seringa e do frasco da suposta insulina, mas que, na verdade, continha o plasma de Pedro que seria injetado em Maria, impedindo que ela se tornasse a paciente zero do Pégaso.

Somado a esse contexto desfavorável para Elisa ela acaba por descobrir que a mulher que seria imunizada à força por ela era amiga de sua irmã, ou melhor, mais que uma amiga, nas palavras de Cristina.

O que acaba por deixar a psiquiatra completamente atordoada é a revelação de que a amiga de Daniela Amaral Fontes estava a caminho de Madrid não só porque faria uma visita a ela, objetivo que a médica também pretendia, mas para que contribuísse com o novo tratamento da doença que acometia a irmã de Elisa, a leucemia. Maria conta, com

voz firme, o que transmite uma sensação de esperança e convicção, que tinha uma anomalia no plasma de seu sangue, que de acordo com testes médicos seria capaz de salvar Dani por meio de uma terapia imunológica de plasma.

Após ouvirem o anúncio da última chamada para o voo 6433, em uma situação de completo desespero, a médica entoia um grito para que Maria Cristina Borges embarcasse logo e deixasse para trás a irmã de sua amiga que vivia o dilema entre salvar o mundo e a vida de sua irmã.

A vinheta alongada que geralmente indica o fim do episódio aparece nesse momento de maneira crescente e depois decrescente para trazer a cena final do episódio. Sons de passos e do bater de uma porta são os ruídos que chegam aos ouvidos, logo é possível escutar metais se movendo, se tratava da algema que prendia Elisa. A médica, com respiração ofegante e voz trêmula, transmite o cenário de indagação ao descobrir pelas palavras de Pedro — que aqui era o médico Vicente Corrêa — que ela estava em outro ano, 2012, no dia 24 de novembro. Assim como seu antigo paciente, 63 era o número que Beatriz levava em sua ficha médica depois de também ter feito uma viagem no tempo.

O episódio de número 10 é um dos mais relevantes para o tipo de análise descritiva aqui adotada. A importância se faz principalmente por apresentar uma grande diversidade de ambientes sonoros — a maior em toda sequência analisada — assim como de transições temporais e, além disso, porque põe fim na narrativa da primeira temporada com gancho para uma continuação, que acaba acontecendo com o lançamento da segunda temporada após pouco mais de 6 meses da primeira ter sido disponibilizada no Spotify.

3.5. A paisagem sonora em Paciente 63

De maneira geral, à medida que ouvimos os episódios de Paciente 63 é possível perceber como os elementos que vão além das falas das personagens influem na construção da narrativa/enredo e acabam demarcando o tom da história. Por meio de ruídos comuns, como passos no chão, portas abrindo e fechando, pássaros cantando, canetas a escrever no papel e demais pormenores que compõem a chamada paisagem sonora, o ouvinte se torna capaz de notar uma mudança temporal, espacial e até mesmo do sentido que o produtor deseja dar para aquele momento, como um maior suspense ou um ar de tranquilidade.

Quando assistimos a uma produção ficcional que utiliza recursos visuais, como filmes, séries, novelas, é possível enxergar a transição de um local para outro na tela. Com

o movimento que a lente de uma câmera é capaz de captar, percebe-se a mudança temporal por meio da caracterização de personagens ao longo de anos, por exemplo. No caso das radionovelas, e também das áudiosséries, outras alternativas para indicar transições de espaço e tempo devem ser adotadas para proporcionar ao ouvinte a mesma percepção que um telespectador tem nas situações mencionadas.

Em Paciente 63 tais recursos foram observados e se tornaram norteadores para uma análise descritiva do objeto orientada pela paisagem sonora. Além dos elementos do ambiente que produzem som, seja em movimento ou não, a trilha sonora adicionada também foi imprescindível para a compreensão das informações e isso vai além daquilo que compreendemos como música, dotado de melodia e se expande para sons (mais baixos e mais altos, ou com maior ou menor intensidade) que transmitem a sensação de mistério, medo, em momentos estratégicos, nos quais revelações são feitas, questionamentos ficam sem resposta na história.

Na transição de espaço ou tempo, por exemplo, uma melodia aparece na produção. Quando se trata de algo mais simples, o soar do que se assemelha ao som de um instrumento de sopro proveniente da voz de Mowat aparece sozinho. Porém, para indicar uma situação de maior tensão ou no gancho final do episódio, acrescenta-se a reprodução de outras notas musicais fechadas resultantes de outros instrumentos, como os de corda.

O aspecto das transições espaciais e temporais, por meio do uso de vinhetas, sons crescentes e decrescentes, precisa ser bem determinado para que o ouvinte não fique confuso e saiba identificar quando estas de fato ocorrem, pois são essenciais para o entendimento da história. Embora no caso de Paciente 63 faça parte da experiência se sentir um pouco confuso sobre o tempo e espaço na série, as transições marcam tais momentos com excelência, o que contribui para criar a atmosfera imersiva, intencionalmente pensada pelos criadores da obra. Tudo isso é criado e pensando em prol da imersão do ouvinte, com a construção de uma narrativa em cadeia — mesmo que de maneira não cronológica no caso de Paciente 63 —, com o uso de ganchos entre os episódios, o clima de suspense é criado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do trabalho sob um olhar de curiosidade acerca de como o “novo rádio” bebe das fontes do “antigo rádio” se deu a partir do olhar para as produções radiofônicas de ficção em ambos os períodos.

Nesse caso, as audiosséries disponíveis em plataformas de streaming e as radionovelas veiculadas via ondas hertzianas, foram observadas principalmente no que diz respeito à importância da construção da paisagem sonora em ambas as produções.

Um dos objetivos pretendidos era justamente encontrar pontos de congruência entre os produtos sonoros em questão. Desse modo, percebemos que o encontro das semelhanças se deu ao debruçarmos no entendimento da construção narrativa dos sons, das radionovelas, por meio de um aparato bibliográfico histórico conceitual e mediante a uma análise de metodologia descritiva da audiossérie de ficção científica *Paciente 63*, ao passo que de maneira geral acontece o uso de efeitos sonoros, trilhas sonoras e a interpretação de personagens por atores.

Como instrumento de sustentação da monografia ocorreu o acionamento do conceito de Análise Estrutural da Narrativa, proveniente de ideias difundidas pelos pesquisadores, Genette, Bremond, Volli e Barthes. Além disso, concepções da narrativa como parte do cotidiano, advindas das obras de Balogh e Lopez também foram acionadas.

Ainda sob um viés de fundamentação, o conceito de paisagem sonora é trazido sob o olhar de Carmem Lúcia José como uma “composição sonoplástica”. Associado a interpretação de João Alves dos “processos que influenciam o som como experiência”, a paisagem sonora é colocada como artifício para a imersividade do ouvinte, finalizando o último capítulo teórico do trabalho.

Na sequência, o último capítulo da monografia se encarregou de finalmente mergulhar na análise descritiva da audiossérie ficcional *Paciente 63*, orientada pela paisagem sonora, apresentando detalhes da composição dos sons em determinados episódios e a capacidade que estes têm em contribuir com a compreensão de sensações e sentimentos do ouvinte. De maneira geral, o recurso da produção da paisagem sonora se mostrou importante, uma vez que é por meio dela que sensações são despertadas e a experiência final do ouvinte é ditada, especialmente nas produções narrativas de áudio de ficção.

REFERÊNCIAS

- ALVES, João. **Análise estrutural da narrativa sonora aplicada ao podcasting: Um estudo de “Caso Evandro”**. Mariana: Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, 2021.
- BARTHES, R. et al. **Análise Estrutural da Narrativa**. Tradução: Maria Zélia Barbosa Pinto. 7ª edição ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 1971.
- CABRAL, Aracelly; APARECIDA, Maria ; PASSOS, Aparecida. Podcast reconfigura a radionovela na era digital. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 13, n. 2, p. 95–118, 2022.
- CALABRE, Lia . **A era do rádio: Descobrindo o Brasil**. [s.l.]: Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2002.
- GAMBARO, Daniel ; FERRAZ, Nivaldo. **Do Radiodrama ao Podcast: Em Busca de um Referencial Teórico para Analisar Novas Peças Dramatúrgicas**. [s.l.]: Comunicação Pública, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.34629/cpublica.50>>. Acesso em: 4 abr. 2025.
- GONÇALVES CHAVES, Glenda Rose. **A RADIONOVELA NO BRASIL: um estudo de ODETTE MACHADO ALAMY (1913-1999)**. Belo Horizonte - MG: PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS FACULDADE DE LETRAS, 2007.
- GUARINOS, Virginia. **El teatro radiofónico. Una narración radiofónica inaudible**. Handle.net. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/11441/92383>>. Acesso em: 4 abr. 2025.
- JOSÉ, Carmen Lúcia. **PAISAGEM SONORA: O Som Nas Ondas Do Rádio** **RESONANT LANDSCAPE: the Sound in the Waves of the Radio**. São Paulo: Ghrebh- Revista De Comunicação, Cultura E Teoria Da Mídia, 2007.
- LOPEZ, Debora. **NOVO RÁDIO, VELHAS NARRATIVAS: APROPRIAÇÕES ESTÉTICAS NA FICÇÃO E NO JORNALISMO SONOROS**. Covilhã: Editora LabCom, 2022.
- LOPEZ, Debora Cristina ; ALVES, João. Narrativa imersiva em games sonoros: escuta e paisagem sonora em A Blind Legend. **Comunicação & Inovação**, v. 20, n. 44, 2019.

LOPEZ, Debora ; ALVES, João. **Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados 1**. Belém - PA: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019.

MONTEIRO, Aline ; BORGES, Xavier. **PERSONAGENS E UNIVERSOS NARRATIVOS EM ADAPTAÇÕES E NARRATIVAS TRANSMÍDIA**. Ouro Preto: Editora UFOP, 2019.

PAULA, Leon de ; COLLAÇO, Vera. Incêndio da alma A Dramaturgia das Radionovelas. **Urdimento**, v. 1, n. 20, p. 159–167, 2019.

SANTOS, PCP dos. **A Criação de Ambientes Através do Som: caminhos imersivos no podcast de storytelling ficcional “Contador de Histórias”**. 2022. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)–Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFOP, Mariana.

TOFFOLO, Rael Gimenes; OLIVEIRA, Luis Felipe ; ZAMPRONHA, Edson. Paisagem sonora: uma proposta de análise. **XIV Congresso da ANPPOM - ANAIS**, 2025. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/10651/71250>>. Acesso em: 4 abr. 2025.

VIANA, Luana. DAS ONDAS SONORAS À WEB: Um panorama conceitual e histórico sobre a expansão radiofônica no Brasil FROM SOUND WAVES TO WEB: Radio expansion in Brazil from a conceptual and historical point of view. **REVISTA PASSAGENS - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará Volume 10. Número 2. Ano 2019. Páginas 11-28.**, 2019.

VICENTE, Eduardo. A grande novidade do rádio na internet é o... áudio! **RuMoRes**, v. 15, n. 29, p. 277–299, 2021.